

Jornal: Tribuna Independente

Data: 24/09/2019 Página: 11 Editoria: Cidades

TRIBUNA
INDEPENDENTE
tribunahoje.com

CIDADES

Poluição oriunda de queimadas na África atinge Maceió

Segundo Ufal, fumaça lançada na atmosfera apresenta riscos à saúde da população da capital e de mais 3 cidades do NE

O dinâmico trabalho desenvolvido pelo Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) monitora poluição do ar causada por fuligem vinda da África, provocada por queimadas.

A rotina de monitoramento da poluição do ar na América do Sul e África identificou a fuligem na cidade de Mangai, localizada na República Democrática do Congo, comprometendo a qualidade do ar das capitais Maceió, João Pessoa, Recife e Natal.

Recife e Natal.

A fumaça lançada na atmosfera chegou ao litoral nordestino e apresenta riscos à saúde da população, cujos maiores impactos são doenças respiratórias e cardiovasculares, sobretudo em crianças e idosos, grupos mais vulneráveis.

O coordenador do Lapis Humberto Barbosa, do Instituto de Ciências Atmosféricas (Icat) da Ufal, explica como é feito o monitoramento. "Há mais de 12 anos, utilizamos o Sistema Eumetsat, para recepção de dados e produtos de satélites, da Agência Euro-

CIDADE

A rotina de monitoramento do Lapis sobre a poluição do ar na América do Sul e África identificou a fuligem na cidade de Mangai, na República Democrática do Congo, comprometendo a qualidade do ar em Maceió, João Pessoa, Recife e Natal

INVISÍVEL

A poluição é invisível a olho nu, em função de ser um material particulado muito fino. As partículas do monóxido de carbono de queimadas são mais finas do que um fio de cabelo e estão acima da recomendação da OMS sobre o nível da qualidade do ar



Além de Maceió (foto), fuligem vinda da África compromete qualidade do ar de João Pessoa, Recife e Natal

peia para Exploração de Satélites Meteorológicos (Eumetsat). O que nos permite ter acesso a dados de monitoramento de poluição do ar, incluindo material particulado, ozônio, dióxido de enxofre e monóxido de carbono", diz.

Segundo o pesquisador, a poluição é microscópica, ou seja, invisível a olho nu, em função de ser um material particulado muito fino, pois o monóxido de carbono de queimadas é constituído de partículas mais finas do que um fio de cabelo e está

acima da recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o nível da qualidade do ar. "Dai, é comprometedor da saúde da população", enfatiza dizendo que o deslocamento é acompanhado 24 horas por meteorologistas do Lapis.



Coordenado do Lapis, Barbosa diz que sistema de alta pressão no Atlântico Sul facilita transporte de fumaça

Fumaça viaja 6 mil quilômetros sobre Atlântico até litoral do NE

Conforme as informações, a fumaça lançada na atmosfera pelas queimadas viaja seis mil quilômetros sobre o Atlântico até o litoral nordestino.

Segundo Humberto Barbosa, do ponto de vista climático, a circulação dos ventos transporta toda essa cinza das queimadas. Ele compara o caso com o ocorrido na Amazônia Legal, cuja fumaça se deslocou para o Centro-Oeste e o Sudeste do Brasil, provocando chuva com poluição (material particulado), como o que ocorreu em São Paulo, quando a cidade escureceu em plena tarde, com a mistura de fuligem das queimadas e chuva. Essas cinzas afetam diretamente a qualidade do ar.

Barbosa explicar que há

uma dinâmica de queimadas em várias partes do Globo. "A partir de julho, tanto no Brasil quanto na África, as queimadas são práticas comuns, favorecidas por questões meteorológicas e ambientais. Realizando o monitoramento da Amazônia Legal, deparamo-nos com uma grande quantidade de fumaça de queimadas vindas da África. Durante essa época do ano, a circulação dos ventos favorece o transporte de partículas de fumaça da Amazônia para regiões do Centro-Sul. A Região Nordeste não é tão afetada, com exceção do Maranhão. Porém, há um sistema de alta pressão do Atlântico Sul que facilita o transporte de fumaça da região do Congo, na África, e neste caso,

afeta a Costa do Nordeste", reforça.

MONITORAMENTO

Sobre a importância do trabalho do Lapis no monitoramento da situação, Humberto Barbosa destaca: "Em países da Europa, há uma preocupação maior com a qualidade do ar e com o nível de poluição, por ser muito nocivo à saúde e trazer prejuízos humanos, econômico e ambiental. No Brasil, ainda não há uma cultura de monitoramento da qualidade do ar, com exceção de poucas cidades do Sul e Sudeste. Esse monitoramento do Lapis é importante por alertar a população e as agências governamentais sobre os impactos, especialmente para os grupos mais vulneráveis".